



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta



Atividades de Campo realizadas no Projeto Sertão Carioca.



GENTE QUE FAZ O PROJETO

**Luz Stella
Rodrigues Cáceres
e Paulo Santos**

PÁGINA 4



DIÁRIOS DE CAMPO

**Comissão Pedagógica reúne
educadores e educadoras
populares**

PÁGINA 15

**Comissão dos Quilombos debate
cronogramas e ações do projeto**

PÁGINA 21



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**O papel dos
quilombolas do Maciço
da Pedra Branca para a
conservação ambiental**

PÁGINA 8

**Comissão de Agriculturas,
Saúde e Mercados: assessoria
técnica e fortalecimento das
redes de agroecologia**

PÁGINA 27



Um olhar agroecológico para o estabelecimento de conexões entre quilombo, cidade e floresta

A agroecologia vai muito além dos sistemas de produção agrícolas e sugere a leitura dos territórios a partir das iniciativas locais dos agricultores, agricultoras e das comunidades. Nesse sentido, o projeto Sertão Carioca estimula que a cidade conheça os seus espaços, tradições, ambientes e dê valor às comunidades e conhecimentos tradicionais, às suas áreas agrícolas e de preservação ambiental.

A construção de territórios agroecológicos nas cidades passa pela articulação de diferentes grupos e pessoas que compreendem os espaços não como mercadorias, mas sim como lugares de expressão das culturas e criatividade populares.

O Sertão Carioca tem histórias de vida e luta. Lugar de produção agrícola e de produção de conhecimentos. Lugar em que já se plantou e colheu muitos frutos. Que já se produziu carvão para a sobrevivência, a partir do suor de populações marginalizadas. É o lugar das comunidades quilombolas, de suas histórias e memórias. No Sertão Carioca está o Parque Estadual da Pedra Branca, uma área protegida que abriga muita riqueza oriunda da constante interação com a natureza.

Natureza e gente são elementos indissociáveis, ou ao menos deveriam ser. A floresta do Sertão Carioca nos mos-



tra isso. Habitar, e mais ainda, viver, é existir diante e junto do ambiente, é fazer parte da história da natureza que nos transforma e que transformamos. Conectar quilombo, cidade e floresta é favorecer o entendimento de que não devemos nos limitar a nos enxergar fora da dimensão natural.

Como colocaram Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Rafael Haddock-Lobo, no livro *Arruaças: uma filosofia popular brasileira* (Editora Bazar do Tempo, 2020) “Insensíveis às matas, aos rios, aos quintais e ao furdunço das crianças, nossa relação com o mundo vai se restringindo a viver a cidade de maneira desencantada. Dessa forma, damos continuidade a lógica que enxerga a vida aprisionada no humano, e a natureza como mero recurso, lógica que o projeto dominante vem investindo há séculos.”

Quando falamos em agroecologia, estamos falando dessas conexões. Conexões para o bem viver e para reconhecer. Através do projeto, queremos reencantar o viver na cidade, reconhecendo e conectando gente-natureza que, no dia a dia, transforma terra em frutos, suor em água, conhecimentos em sobrevivência.

Nesta Folha Informativa, n.5, você conhece um pouco mais do que temos feito para realizar essas conexões! Boa leitura.

Marcio Mattos de Mendonça

Coordenação do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Ingrid Pena

Coordenadora do Projeto Sertão Carioca



Nesta edição, conheça Luz Stella Rodríguez Cáceres e Paulo Santos. Eles estão facilitando as oficinas de Cartografia Social Participativa, que estão sendo realizadas nas comunidades quilombolas que participam do projeto. Ao final das atividades, serão construídos três Fascículos de Cartografia Social Participativa que conterão mapas e identificações socialmente importantes para as comunidades quilombolas do Quilombo do Camorim, do Quilombo Cafundá Astrogilda e do Quilombo Dona Bilina.

Luz Stella Rodríguez Cáceres é antropóloga pela Universidade Nacional de Colômbia e doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Stella tem uma trajetória ampla de trabalho com pesquisas de cartografia social na Colômbia e no Brasil. Um dos seus trabalhos de pesquisa se vincula com as narrativas de memórias, paisagens e



Oficina de Cartografia Social teve início no camorim. Na foto, Luz Stella Rodríguez Cáceres e Nathanael Paulino Santos.

patrimônios dos pequenos agricultores do Quilombo Cafundá Astrogilda no meio dos conflitos com o Parque Estadual da Pedra Branca. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em artigos e dois livros: Pelos Caminhos do Cafundá. Paisagem e Memória de um Quilombo Carioca (2019) e Desbravando o Sertão Carioca Etnografia da invenção de uma



“ A cartografia participativa é um método que promove e facilita processos de planejamento e gestão do território das comunidades locais; é uma ferramenta fundamental para a negociação com diferentes atores, para expor conflitos no território e para fortalecer potencialidades e processos organizativos. A cartografia participativa, tal e como seu nome o indica, se fundamenta na participação livre e consciente das pessoas interessadas em contribuir com a construção social do território, que se assumem como sujeitos pensantes, críticos e propositivos e não como objetos receptores de conhecimento ou meros beneficiários passivos de programas assistenciais. Nessa medida, nosso trabalho é facilitar o processo, propor caminhos e reflexões, mas quem de fato conduz, afirma, constrói e decide o conteúdo dos mapas são as pessoas que participam das reuniões. A cartografia participativa é um ritual de troca de saberes, emoções e experiências, cujo sucesso depende do envolvimento e compromisso dos interessados de forma coletiva”.

paisagem (2019). Desde 2008, Stella tem refletido sobre a problemática das comunidades quilombolas no Rio de Janeiro, onde a questão se interliga com a problemática patrimonial e ambiental. Seu interesse se estende às políticas da memória e à constituição e formação de coleções etnográficas museográficas referentes à afrodescendência.

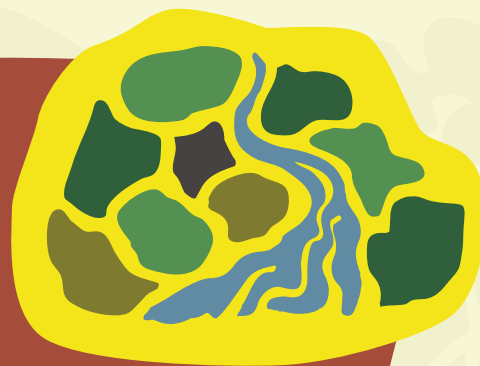


Paulo Santos
e Luz Stella
Rodríguez
Cáceres

Paulo Santos é engenheiro cartógrafo e sociólogo. Ele coordena o Grupo de Trabalho em Geoinformação do IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e faz parte do Laboratório Negi-UERJ – Núcleo em Estudos de Gestão e Informações. Foi servidor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1979-2019) e sua experiência relaciona métodos de coletas orientados por perspectivas antropológicas, tendo realizado trabalhos em todo o território

brasileiro. Com a produção de novos olhares oriundos das contribuições das cartografias envolveu-se também com o mapeamento de dois territórios quilombolas no Rio de Janeiro: o Quilombo do Sacopã e o Quilombo Cafundá-Astrogilda. Utilizou as técnicas desenvolvidas pela visão da cartografia social, em conjunto com as práticas das cartografias oficiais. Quando ocupava o cargo de Gerente de Mapeamen-

“ Sinto-me confortável em participar dessa iniciativa pelas minhas qualificações técnicas, que apoiam e fortalecem a luta das comunidades quilombolas. Quero apoiar no mapeamento da história e da vida cotidiana, ajudando a identificar também a fauna, a flora, o nome dado ao lugar e às coisas que estão nos territórios. Relatar e identificar essas coisas ajuda a recuperar memórias”.



to da Coordenação Cartografia do IBGE provocou a incorporação desta abordagem à prática da cartografia oficial do instituto, introduzindo novos aspectos metodológicos na produção daquela instituição. Também atuou com os levantamentos do censo, na preparação e organização dos setores censitários e áreas de interesses associados aos quilombolas e povos tradicionais.



Nesta seção, nosso objetivo é traduzir a produção científica sobre os temas que relacionam agroecologia e conservação ambiental a partir de uma linguagem cotidiana. Queremos atuar na popularização da ciência, contribuindo para o acesso e a compreensão do conhecimento científico para grupos diversificados.

Nesta edição, convidamos Fabiano Balleiro, pesquisador da Embrapa Solos, para falar sobre a relação existente entre os serviços ecossistêmicos e as comunidades quilombolas do maciço da Pedra Branca.

Comunidades Quilombolas e serviços ecossistêmicos no Parque Estadual da Pedra Branca

Por Fabiano Balieiro

Pesquisador da Embrapa Solos



Um ecossistema sadio é capaz de prover inúmeros serviços e bens para a sociedade. Água e ar puros, alimentos com aroma, sabor e valor nutritivo diferenciados, lenha, e inúmeros remédios têm relação direta com ambientes preservados.

A degradação do solo, a perda da cobertura florestal e a poluição, acelerados pelo crescimento da população, estão entre as maiores ameaças à conservação da biodiversidade e aos serviços por ela prestados e regulados.

Um dos grandes aliados da conservação da natureza são os povos tradicionais e, no Maciço da Pedra Branca, são as comunidades quilombolas do Quilombo do Camorim, Quilombo Cafundá Astrogilda e Quilombo Dona Bilina.

O potencial de desenvolvimento de remédios, suplementos alimentares, biocombustíveis, cosméticos e outros bioprodutos estão intimamente associados a esses povos, seu conhecimento e forma como manejam a terra. Além de todo o potencial que esse conhecimen-

to tem para alavancar a economia, essas comunidades alavancam serviços ecossistêmicos essenciais para toda a sociedade.

Transformadas em territórios de populações tradicionais, o entorno do Maciço da Pedra Branca, ou mesmo de remanescentes florestais limítrofes da capital fluminense se tornaram verdadeiras zonas de amortecimento da unidade de conservação, e por que não, da cidade.

E por quê? Porque as comunidades quilombolas trabalham por décadas, se não por séculos, em harmonia com a floresta. Usam práticas seculares como a rotação ou consórcio de culturas (agrobiodiversidade), cultivam dentro da floresta ou plantam árvores dentro das hortas (sistemas agroflorestais), praticamente não usam agrotóxicos e fertilizantes minerais, enfim, sua cultura contribui para conexão das pessoas com a natureza.

Horta Comunitária
na Praça Quincas
Borba no bairro
Jardim Sulacap



E deste respeito, essas contribuições da natureza melhoram a qualidade de vida das pessoas nas cidades. Veja a seguir, o papel dessas populações do entorno do Maciço da Pedra Branca para alguns dos serviços ecossistêmicos que o solo presta:

Unidade Produtiva da família de agricultores urbanos Marta e Gaúcho, em Campo Grande. Fotografia: Gabriela Storino



1. Serviço: Produção de alimentos

Solos, para produzirem alimentos de qualidade precisam ser férteis, ou seja, precisam ter qualidade química, física e principalmente biológica. Estudos recentes têm mostrado que agroecossistemas mais simplificados, menos diversos, estão mais suscetíveis aos estresses ambientais (calor, falta de água) e produzem menos alimentos que sistemas diversificados (Mendes et al., 2018). Em algumas situações, níveis elevados de fertilidade (teor de nutrientes no solo), decorrentes do uso excessivo de adubos não são capazes de sustentar índices de produtividades elevados, pois a qualidade física e biológica da terra foram empobrecidas.

Em seus quintais, hortas e agroflorestas, as comunidades quilombolas mantêm ativas as comunidades da fauna e de micro-organismos solo. Isto porque sempre mantém o solo cobertos e ricos em materiais orgânicos. Dessa atividade biológica, que transforma a matéria orgânica em nutrientes para as plantas, nasce a fertilidade necessária para a produção de inúmeros produtos e os poros do solo, essenciais para que as trocas gasosas e a movimentação da água no solo se dêem.

2. Serviço: Mitigação das enxurradas

Sistemas de produção que mantém o solo coberto o ano inteiro protegem o solo do impacto direto da gota das chuvas, reduzindo o escoamento superficial da água e a erosão. Além disso, estimulam a infiltração de água, dando maior perenidade aos cursos de água e reduzem a temperatura do solo, que melhora a atividade biológica da terra. A cidade do Rio de Janeiro tem sido protegida por suas florestas há séculos, pois toda a água que nelas aportam é interceptada pela copa, infiltrada e não escorrida, permitindo que o solo purifique essa água e abasteça seus Rios e a cidade. Comunidades tradicionais que vivem nesse ambiente são componentes importantes da conservação do solo e da água, pois reconhecem que a qualidade da água e a estabilidade física das encostas onde moram são dependentes da cobertura vegetal de seus quintais.

A impermeabilização do solo, pelas construções civis e estradas diminuem a infiltração da água da chuva nas cidades, favorecendo as enxurradas e deslizamentos de encostas. Por isso, Soluções baseadas na Natureza (SbN), tradicionalmente usadas pelas comunidades tradicionais melhoram as condições de vida da sociedade como um todo.

3. Serviço: Conservação da biodiversidade

Sistemas agroflorestais e quintais produtivos são exemplos de sistemas de produção ambientalmente amigáveis, pois respeitam todos os componentes vivos que ali habitam, incluindo o homem e a mulher. Da ciclagem de nutrientes eficientes, surgem solos mais férteis e porosos, a agrobiodiversidade beneficia o controle natural de pragas e de doenças dessas hortas; do uso parcimonioso de agroquímicos mantém-se polinizadores ativos o que garante a perenidade da produção, dentre outros exemplos. Muitos ativos usados na medicina tradicional, na indústria farmacêutica e na de cosmético, assim como o turismo ecológico tem muito a se beneficiar com a conservação da biodiversidade.



Quintal produtivo da Dona Leda, em Pedra de Guaratiba



Porção de Mata Atlântica que fica no Quilombo do Camorim, sub-bairro de Jacarepaguá.



4. Serviço: Sequestro de carbono e regulação do clima

Agroecossistemas podem ser sumidouros ou fontes de carbono para a atmosfera. Porém, quanto mais diverso, menos perturbado for o ecossistema, mais carbono ele consegue estocar na sua biomassa e no solo. Os quilombolas que vivem no Maciço da Pedra Branca, com suas hortas agrobiodiversas, agroflorestas e quintais respeitam essa premissa da diversidade; além disso, pelo baixo uso de implementos agrícolas, mantêm a estrutura do solo estável, o que mantém o carbono aprisionado em seus agregados. Hoje já se sabe que há mais Carbono no solo do que na vegetação dos ecossistemas terrestres, o que implica dizer que seu manejo correto pode tanto inibir as emissões para atmosfera de Carbono (mitigando o efeito estufa), como incrementar o sequestro. Dados de diversos autores descrevem que taxas de emissão entre 0,5 a 1,5 toneladas de Carbono podem ser sequestradas anualmente por sistemas conservacionistas do solo, como os adotados por comunidades tradicionais (Coutinho et al., 2014). Florestas e árvores, em ambientes urbanos e periurbanos, ainda limpam o ar ao interceptar a fuligem e poeira e diminuem os bolsões de calor, por absorverem parte da radiação incidente nas cidades. Nosso projeto pretende colocar números para o ambiente do Maciço da Pedra Branca, por meio das ações de pesquisa.

5. Serviço: Herança cultural e histórica

O devido “valor” desse serviço prestado pelo solo não tem merecido a atenção que deveria. Boa parte dos registros arqueológicos de ocupação das civilizações foram encontrados nos solos. Ademais, a paisagem que sustenta sua vegetação é fonte de experiências estéticas, espirituais e de recreação. Populações tradicionais, por viverem próximas a esses ambientes preservados e dependerem dele, passaram a respeitar de forma integral seus componentes. Muitas divindades e crenças religiosas referem-se ao solo como algo sagrado.



Atividades culturais realizadas pela ACUQCA no Quilombo do Camorim, território reconhecido e identificado pelo IPHAN como Sítio Arqueológico.

Referências

COUTINHO, H.L.C. ; NOELLEMAYER, E. ; BALIEIRO, F. C. ; PINEIRO, G. ; FIDALGO, E. C. ; MARTIUS, C. ; SILVA, C.F. . **Impacts of Land-use Change on Carbon Stocks and Dynamics in Central-southern South American Biomes: Cerrado, Atlantic Forest and Southern Grasslands**. In: Steven A. Banwart, Elke Noelle-meyer, Eleanor Milne. (Org.). Soil Carbon Science, Management and Policy for Multiple Benefits. 1ed.Reino Unido: CABI, 2014, v. 71, p. 244-264

Mendes, I.C., Sousa, D.M.G., Reis Jr., F.B., Lopes, A.A.C. **Bioanálise de solo: como acessar e interpretar a saúde do solo**. Embrapa Cerrados, Planaltina - DF, Circular Técnica, 38 24p., 2018.



Comissão Pedagógica reúne educadores e educadoras populares para o planejamento de atividades



Em meio à pandemia da Covid 19, é no espírito de crítica e acolhimento que tem ocorrido as reuniões da Comissão Pedagógica do projeto Sertão Carioca. Como canta Gilberto Gil, em uma das músicas que foi utilizada para o acolhimento e mística das atividades, é 'preciso andar com fé'. Não com a fé em um futuro distante, mas a fé e a certeza de que, através da cooperação e da articulação em rede, poderemos dar respostas radicais ao modelo de sociedade que vivemos, estabelecendo outras relações sociais com a natureza. Reuniões de formação e encontros online tem sido realizados através da plataforma Zoom.

Dentre os temas debatidos, estão o compartilhamento de metodologias de educação popular, a organização do plano de formação do projeto e a consolidação de um Grupo de Trabalho de Educação Ambiental para crianças da primeira infância.

Em uma das reuniões, que teve como objetivo compartilhar as metodologias de educação popular



Rosilane de Almeida e Helena Cristina, lideranças quilombolas nas atividades da Cartografia Social Participativa

pelos membros da comissão, Igor Carvalho, docente do curso de Licenciatura Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) apresentou contribuições da abordagem da Educação do Campo.

Ele falou da importância em adotar essa perspectiva educativa, pois ela fortalece a agricultura camponesa e realiza a crítica à agricultura industrial de base capitalista; Outro ponto trazido pelo educador foi a importância da adoção e prática da metodologia da pedagogia da alternância. Ele explicou que a ideia dessa metodologia é que “os(as) educadores(as) possam se envolver com a realidade dos(as) educandos(as), ao mesmo tempo em que, a família e a comunidade se envolvem e participam do aprendizado. Com isso, o conhecimento se irradia por todo o entorno comunitário e educacional. Para as ações do

“ A ideia dessa metodologia é que os(as) educadores(as) possam se envolver com a realidade dos(as) educandos(as), ao mesmo tempo em que, a família e a comunidade se envolvem e participam do aprendizado. Com isso, o conhecimento se irradia por todo o entorno comunitário e educacional”.

– Igor Carvalho



Print da tela de apresentação da experiência da ONG Permalab, grupo de compõe a comissão pedagógica

importância da aproximação com as lideranças quilombolas para a construção de um currículo contextualizado com a comunidade.

“A ligação com o Camorim foi fundamental para repensarmos as práticas da escola. A partir daí os trabalhos começaram a caminhar em torno de uma educação étnico racial e de valorização da comunidade e do entorno”. Ela destacou ainda que, no ano de 2021, o currículo pedagógico enfocará o aspecto do letramento racial e será desenvolvido em parceria com a Associação Cultural Quilombo do Camorim (ACUQCA). A proposta é que o projeto fortaleça e construa parcerias com a escola.

Julio Dória, professor e cofundador da Escola Quilombola do Cafundá Astrogilda, destacou a importância em construir, de maneira horizontal, as ações educativas. Para ele, “O objetivo é fortalecer a identidade quilombola e as atividades de educação ambiental que já são praticadas em nossa comunidade”, destacou.

Essas metodologias e referências sobre a educação estruturam as diretrizes do Plano de Formação do projeto, que contempla também um eixo de Educação Ambiental crítica voltado para a primeira infância, e deve atender cerca de 150 crianças.

Na comissão também participam importantes lideranças do movimento negro do Rio de Janeiro, como Giceli Cândido, do Centro de Estudos e Divulgação das Culturas Negras (CEDICUN). Ela destacou a importância da ancestralidade como um elemento reflexivo que permite que analisemos não somente o passado, mas sobretudo nos inspire para as ações do presente.

“Com isso, podemos olhar o legado das gerações anteriores e sua cosmovisão, e, a partir disso desenvolver atividades pedagógicas que sejam mais humanas e eticamente responsáveis no momento presente. A ancestralidade está no presente.”, destacou.

Para Caroline Santana, coordenadora da Comissão, a participação de educadores e educadoras

Como parte das atividades da comissão, estão sendo construídas atividades voltadas para infância. Na foto, o pequeno Nathanael Paulino Santos, do Quilombo do Camorim



Caroline Santana,
coordenadora
da Comissão
Pedagógica e
Geovana Melo,
estagiária.



populares enriquece as ações do projeto. “As contribuições articulam diferentes experiências que se encontram nos espaços de diálogo da Comissão Pedagógica, com reflexões e construção coletiva de conhecimentos voltados para o desenvolvimento de ações no campo da agroecologia, educação, sustentabilidade socioambiental e sociocultural”.

As reuniões da comissão ocorrem mensalmente e têm sido um importante espaço de análise coletiva da realidade com a finalidade de potencializar as ações da agroecologia e identidade cultural já existentes no território.

“Podemos olhar o legado das gerações anteriores e sua cosmovisão, e, a partir disso desenvolver atividades pedagógicas que sejam mais humanas e eticamente responsáveis no momento presente. A ancestralidade está no presente.”
— Giceli Cândido



Comissão dos Quilombos debate cronogramas e ações para o desenvolvimento do projeto



Conectando as lideranças quilombolas do Quilombo do Camorim, do Quilombo Cafundá Astrogilda e do Quilombo Dona Bilina, a Comissão de Quilombos tem o objetivo de discutir e definir questões relacionadas ao resgate memorial e identitário das comunidades quilombolas, além de estratégias de desenvolvimento comunitário e incidência política em espaços de governança comunitária e conservação ambiental. Nos encontros mensais, temos deliberado sobre as ações previstas no projeto, e também compartilhamos histórias e memórias das comunidades quilombolas.

Em março, o encontro presencial ocorreu no espaço Nárnia, local de convivência da ACUQCA. A atividade teve início com a fala de Adilson Almeida, Rosilane Almeida e Alexandre Pessanha, lideranças quilombolas do Quilombo do Camorim e membros ACUQCA. “Aqui, já plantamos mais de 60 mil árvores, com o objetivo de mitigar os impactos

ambientais que decorrem da falta de um planejamento urbano racialmente e socialmente justo. Nossa região vem sofrendo com ações como expropriação de terras para construção de empreendimentos”, destacou Adilson.

Através de uma caminhada pelo local, eles narraram o processo histórico e de resistência que tem garantido a manutenção e a permanência do espaço, propondo o desenvolvimento de ações do projeto que fortaleçam o trabalho de educação ambiental e fortalecimento da identidade cultural que já desenvolvem na comunidade quilombola.

Já em relação às atividades do Quilombo Cafundá Astrogilda, foram socializadas as experiências da Escola Quilombola, as iniciativas do Ecomuseu que existe no local, além de outros projetos como a Ação Griô. Estiveram presentes Maria Lúcia Mesquita e Sandro Santos. Dentre os temas trazidos,

Maria Lúcia comentou sobre seu trabalho com ervas e plantas medicinais e também sobre o trabalho de solidariedade que realiza junto com sua filha, Gizele, na cozinha comunitária do Bar Tô Na Boa.

Aqui, já plantamos mais de 60 mil árvores, com o objetivo de mitigar os impactos ambientais que decorrem da falta de um planejamento urbano racialmente e socialmente justo.
– Adilson Almeida



Ingrid Pena e as lideranças quilombolas Adilson Almeida, Sandro Santos, Rosilane de Almeida e Alexandre Pessanha

Maria Lúcia também está à frente da Escola Quilombola Cafundá Astrogilda, onde desenvolve atividades voltadas para a infância. “Na experiência do quilombo, o trabalho de educação iniciou com as crianças, passou pela juventude e depois chegou às universidades”, destacou Maria Lúcia enfatizando a importância em desenvolver, junto ao Projeto Sertão Carioca ações que tenham o público infantil como prioridade.

Já Alice Franco, do Quilombo Dona Bilina, compartilhou reflexões em torno do tema da conservação ambiental, relatando o trabalho de Leonídia Isfran, que desenvolve ações ligadas

“ Na experiência do quilombo, o trabalho de educação iniciou com as crianças, passou pela juventude e depois chegou às universidades”
– Maria Lúcia

ao eixo ambiental no entorno do Rio da Prata, como a horta comunitária do Quilombo Dona Bilina, que também tem apoio do projeto.

Além disso, ela também reforçou a importância de lutarmos por equidade, trazendo a reflexão de que nossa sociedade ainda enfrenta profunda desigualdade no acesso aos direitos, “o ideal seria que não precisássemos de políticas sociais para alcançar direitos, porém, hoje através das negociações que podemos fazer por meio delas, é possível obter algumas conquistas.”, destacou Alice, enfatizando que o fortalecimento da participação política dos grupos do projeto é um princípio que deve ser sempre considerado nas ações.

Além disso, pautas que conectam a experiência das três comunidades, como aqueles ligados à conservação da natureza e dos recursos hídricos foram temas de reflexão. Sandro Santos, que também é agente de defesa ambiental do Parque Estadual



Lideranças quilombolas Rosilane de Almeida e Alexandre Pessanha, do Quilombo do Camorim, e Dona Maria Lúcia, do Quilombo Cafundá Astrogilda.

“ É fundamental que o projeto apoie as comunidades quilombolas no sentido de visibilizar e fortalecer seu papel na conservação da floresta e entorno, contribuindo com a provisão, manutenção e regulação de serviços ecossistêmicos que melhoram a qualidade de vida de toda a cidade do Rio de Janeiro”
– Ingrid Pena

da Pedra Branca, destacou a importância em se apropriar da carta hídrica da cidade e monitorar indicadores como volume hídrico e potabilidade dos rios. Ele também destacou a importância em desenvolver um trabalho de educação ambiental que permita à população carioca identificar e

nomear os rios existentes na região.

Acompanhando a análise trazida por Sandro, Alice também refletiu criticamente sobre a conservação da natureza. Ela lembrou que a palavra ‘valão’ tem sido usada para falar dos rios urbanos cariocas.

Ingrid Pena, coordenadora geral do projeto, destacou que esse nome descaracteriza a função ecossistêmica dos rios e lembrou que “toda a floresta cumpre um papel para a manutenção da qualidade do ar e das águas da cidade. Esse ponto deve ser destacado e difundido pelas ações de comunicação do projeto e previsto nas ações de formação. É fundamental que o projeto apoie as comunidades

quilombolas no sentido de visibilizar e fortalecer seu papel na conservação da floresta e entorno, contribuindo com a provisão, manutenção e regulação de serviços ecossistêmicos que melhoram a qualidade de vida de toda a cidade do Rio de Janeiro”, destacou.

A principal agenda desta comissão é garantir o envolvimento e a participação dos núcleos quilombolas em todas as atividades do projeto.



Trilhas ecológicas e de educação ambiental compõe a Ação Griô, projeto de Turismo Pedagógico e de Base Comunitária (TBC), Desenvolvido pelo Quilombo Cafundá Astrogilda

Comissão de Agriculturas, Saúde e Mercados: assessoria técnica e fortalecimento das redes de agroecologia



Neste último período, seguindo os protocolos de prevenção à pandemia da Covid 19, a comissão acompanhou as feiras agroecológicas da cidade do Rio de Janeiro, realizou visitas técnicas às hortas comunitárias, aos quintais produtivos e roçados dos territórios e promoveu oficinas de gestão ambiental. Os objetivos da comissão são promover e apoiar as unidades produtivas, potencializar as práticas tradicionais ligadas diretamente à produção agroecológica de alimentos e à segurança alimentar e apoiar a inclusão produtiva e geração de renda das comunidades agricultoras e quilombolas do Maciço da Pedra Branca e seu entorno.

O agravamento da pandemia impôs desafios para a realização dos trabalhos presenciais junto aos territórios de produção agrícola da cidade do Rio de Janeiro. Enquanto a vacina não chega para todos e todas, é a articulação coletiva e em rede que tem permitido à equipe do projeto superar os desafios e



Irma Maria Ferreira,
culinarista e
processadora de
alimentos que faz parte
da Feira Agroecológica
de Campo Grande.
Foto: Gabriela Storino.

seguir apoiando e fortalecendo a produção e comercialização de alimentos agroecológicos na cidade do Rio de Janeiro.

A assessoria tem se dado de forma presencial e virtual por toda equipe de técnicas e estagiárias. Realizamos a conexão entre as famílias agricultoras e quilombolas, as redes de agroecologia e os(as) pesquisadores(as) que compõem a Comissão de Pesquisa do Projeto Sertão Carioca. A perspectiva é avançar nas estraté-

gias de produção dos Sistemas Agroflorestais, através de uma conexão entre os conhecimentos tradicionais das comunidades e os resultados científicos obtidos através de atividades como análise e aptidão do solo e qualidade da água.

Até o momento, 12 unidades produtivas foram mapeadas e georreferenciadas totalizando cerca de 52 famílias quilombolas e agricultoras urbanas participantes. O trabalho que desenvolvem será apoiado através do reforço com ferramentas agrícolas, insumos como adubos orgânicos, telas de proteção das hortas, sistemas de irrigação e combate a problemas fitossanitários nas lavouras.

Para Renata Souto, que coordena a comissão e também é mestre em Solos e Nutrição de Plantas, “a perspectiva de assessoria técnica do projeto prevê o trabalho coletivo, sempre sensível às individualidades de cada família, e entre homens, mulheres e jovens. Queremos visibilizar cada vez mais o modo de fazer dos agricultores do Maciço, que mantêm a floresta em pé e ao mesmo tempo produzem alimentos limpos, mas também queremos ajudar a resolver problemas simples como incidência de insetos e doenças que já são facilmente resolvidos com insu-mos biológicos, o manejo da poda na época certa e a adubação orgânica do solo”, destacou.

Além de estarem atentos às questões agronômicas, o projeto e o Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA promovem a participação social dos agricultores e agricultoras em conselhos e associações de moradores, a interlocução com redes de agroecologia e com práticas de fortalecimento



Renata Souto, assessora técnica e Adilson de Almeida, debatendo possibilidades para a Horta Orgânica do Quilombo do Camorim

dos circuitos curtos de comercialização, como feiras, cestas, merenda escolar entre outros.

Territórios e acompanhamento dos sistemas agroflorestais

O acompanhamento dos sistemas agroflorestais está sendo implementado em diversos territórios da cidade. Campo Grande, Vargem Grande, Quilombo do Camorim, Quilombo Cafundá Astrogilda, Colônia Juliano Moreira, Rio da Prata, Guaratiba e Sulacap são os bairros e sub-bairros que abrangem as comunidades e quilombos de atuação da comissão. São unidades de diferentes escalas, bases e culturas. Compreender as características físicas do ambiente, assim como, as tradições e saberes de cada comunidade, é fundamental no direcionamento das ações.

Alimentos como a banana, o caqui, hortaliças e também plantas medicinais são produzidos por essas comunidades agricultoras. Alguns destes núcleos, como o da região do Rio da Prata de Campo Grande, serão estimulados a fortalecer o vínculo com redes de políticas ambientais e agroecológicas. Em uma visita sugerida pela Associação

“ Queremos visibilizar cada vez mais o modo de fazer dos agricultores do Maciço, que mantêm a floresta em pé e ao mesmo tempo produzem alimentos limpos”

– Renata Souto



Leonídia Isfran, Michel Colen, Renata Souto e Alice Franco na Horta Comunitária do Quilombo Dona Bilina.

do Quilombo Dona Bilina, foi planejada e tem sido cultivada uma horta comunitária na região do Rio da Prata, com o objetivo de combater a insegurança alimentar na região.

A equipe técnica do projeto, junto aos quilombolas, observou cerca de 0,5 hectare, onde serão feitos canteiros, compostagem e demais cultivos que estão sendo planejados com a medição do espaço. O incentivo à abertura da área de plantio também inclui a compra de insumos e ferramentas que serão encaminhados para o local. O planejamento das áreas leva em conta a orientação e respeito à comunidade, carregada de ancestralidade, religiosidade e tradição agrícola.

Leonídia Isfran, mestrande em ciência e tecnologia ambiental e educadora ambiental da comunidade quilombola Dona Bilina, relembra que “antigamente,

aqui na região todos eram agricultores. Uma parte do território era laranjal, enquanto em outra parte cultivavam hortaliças, aipim, quiabo, milho, feijão, vagem e outros alimentos. Resgatar essa tradição de agricultura local é fundamental para combater a necessidade alimentar de muitos. E fazer isso com o acompanhamento de uma engenheira agrônoma é fundamental. O projeto vem em alinhamento com aquilo que desejamos, que é a nossa identificação enquanto população tradicional quilombola. Esse resgate tem sido excelente para nós”, destacou.

Feiras Agroecológicas

Também temos apoiado a gestão das feiras agroecológicas da cidade do RJ. O projeto dentro do histórico do Programa de Agricultura Urbana da



Mutirão no quintal da Dona Dalila. Caroline Rodrigues e Michel Colen, estagiários do projeto, Paulo Monteiro, da Fundação Angélica Goulart e Fiocruz Mata Atlântica e Catarina, da Rede Ecológica.

AS-PTA, participa do Grupo de Trabalho de Mercados da Rede Carioca de Agricultura Urbana e da fiscalização da certificação orgânica na cidade do Rio de Janeiro, dos quais grande parte dos agricultores acompanhados pelo projeto fazem parte.

De forma efetiva já estão sendo apoiadas a Feira Agroecológica de Campo Grande, a Feira Orgânica do Rio da Prata, a Feira Agroecológica da Freguesia, e a Feira da Roça, Agroecologia e Cultura de Vargem Grande. Para que o conjunto de feiras seja apoiado e o trabalho fortalecido, o projeto identificou demandas através de um encontro virtual que promoveu, além do mapeamento de necessidades e a interlocução entre os gestores das feiras.

Neste encontro foram identificadas semelhanças nos avanços e nas dificuldades de todas as feiras, o que reforça a importância de uma rede voltada

para o apoio deste importante espaço de comercialização, que já acontece através da Rede CAU e no qual o projeto tem condições de potencializar.

Também temos acompanhado as feiras de forma presencial. Indicadores como a circulação de

“ Resgatar essa tradição de agricultura local é fundamental para combater a necessidade alimentar de muitos. E fazer isso com o acompanhamento de uma engenheira agrônoma é fundamental.”

— Leonídia Isfran



Letícia Ribeiro, assessoria técnica, em visita à Feira Agroecológica de Campo Grande

consumidores, a apresentação dos produtos nas barracas, a diversificação dos alimentos e o uso sustentável das embalagens e rótulos de comercializados são alguns dos itens que temos dialogado e conversado com as associações.

Letícia Ribeiro, assessora agrícola e mestre em Agricultura Orgânica, aponta a necessidade de realização de uma assessoria permanente. Segundo ela, “os problemas de rastreabilidade e gestão se repetem com maior e menor gravidade em todas elas. Nos encontros virtuais com os gestores das feiras, é possível decidir caminhos para solucionar estas questões. São problemas práticos que também surgem, como a renovação das barracas, roupa e divulgação. Já nas visitas às unidades de plantio, podemos fornecer insumos, mudas e outros materiais de auxílio aos produtores”.

Um outro local em que as ações tem ocorrido é no bairro de Jardim Sulacap. Por meio da parceria do projeto com a Fundação Parques e Jardins e o grupo Jardim Sulacap Bairro Sustentável (JSBS) tem sido realizada oficinas e ações ambientais.



Dorivaldo, Renata Souto e seu filho Pablo Souto, Lilaz Santos, Emilson Moreira, em Visita de campo na Horta Comunitária Quincas Borba, no bairro Jardim Sulacap.

A ideia é reforçar a ligação entre moradores do bairro e instituições parceiras de forma horizontal, inclusiva e com a promoção da cidadania. A falta de acesso à água foi uma das principais demandas vindas dos moradores do bairro, além da necessidade de adoção jurídica da praça Quincas Borba, onde está localizada a horta comunitária da região.

Insumos, ferramentas e tecnologias sociais

Também consta no plano de atividades da comissão a distribuição de insumos como calcário, torta de mamona, arame farpado, telas e equipamentos de irrigação, ferramentas como cavadeira, enxada, carrinho de mão, carrinho de feira, pá, serrote podador, sementes e mudas. Pelo menos 30 unidades produtivas receberão no mês de junho parte do fomento previsto para que o próximo plantio receba um reforço.

Dentro das tecnologias sociais previstas está a montagem de desidratadores de baixo custo com

o apoio da Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO) através da Professora Ida Carolina e sua orientanda de mestrado Izabela Martins. Além disso, já foram mapeadas as áreas que receberão o equipamento de irrigação de baixo custo com o apoio da UFRRJ.

De forma estruturada, a comissão também avançou na identificação de oficinas em parceria com a comissão pedagógica, apresentando e ajustando os temas apresentados pelos territórios. Junto com esta ação, também estamos sensíveis à necessidade dos núcleos em processar alimentos, especialmente caqui e banana, mas não só, e avançar na fabricação de produtos ligados ao uso das plantas medicinais e promoção da saúde nas comunidades.



Agricultora urbana Dona Dalila, que faz parte da Feira do Rio da Prata e da Agrop prata, Letícia Ribeiro e Renata Souto.

A Folha Informativa é um material de comunicação institucional e bimestral do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é compartilhar o contexto geral do projeto, garantir o acompanhamento das ações e contribuir para a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação editorial:

GT de Comunicação da AS-PTA
(Bruna Távora, Mariana Portilho,
Murilo Hollanda e Rudson Amorim)

Produção de Conteúdo:

Equipe do Programa de Agricultura Urbana
da AS-PTA

Diagramação:

Pedro Biz

Para saber mais:

www.aspta.org.br

<http://projetosertaocarioca.wordpress.com>

Instagram: @agroecologiaaspta @projeto.sertao.carioca

@produtosdagente

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br



O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem apoio institucional da Embrapa e tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Clique e acesse as edições anteriores:

Boletim 1

Boletim 2

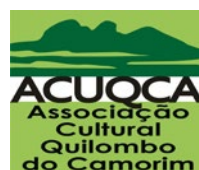
Boletim 3

Boletim 4

REALIZAÇÃO



APOIO



PATROCÍNIO

